UNESP – Universidade Estadual Paulista
Programa de Pós-Graduação em Letras
Disciplina: Abordagens Críticas do Texto Literário
Discente: Thaís Freire Roberto

Literatura e História

No capítulo *Adaptation and History*, de Defne Tutan, presente no livro *The Oxford Handbook of Adaptation Studies* (LEITCH, 2017), o autor defende que "todas as representações históricas são radicalmente adaptativas, e as formas nas quais são concebidas e percebidas nos dizem mais sobre o presente do que sobre o passado a que se referem" (TUTAN, 2017, p. 02, tradução minha[1]). Começarei meu texto, então, da mesma forma que Tutan abre seu capítulo: com a pergunta "O que é História?". Explorando meu ponto de vista, posso afirmar que minha resposta a essa pergunta mudou muito com o tempo e, sobretudo, nos últimos meses, quando venho me aprofundando nos estudos da adaptação e, mais especificamente, da adaptação histórica. Alguns anos atrás, quando ainda cursava o Ensino Médio, minha resposta a essa pergunta teria sido, é claro, de acordo com meu olhar e contexto limitado: "história" são os fatos que aconteceram no passado, conforme são descritos no meu material didático e apresentados pelo professor da disciplina. Resumindo, então, minha concepção era essa, a história são os fatos do passado. Atualmente, no entanto, meu olhar se tornou mais crítico e questionador. Primeiramente, devo me perguntar *quais* são esses "fatos históricos" que encontro; em seguida, me volto ao papel do historiador, observando *quem* os afirma; finalmente, busco analisar *com que finalidade* o historiador faz sua afirmação, ou seja, qual é a intenção por trás de seu discurso, pois, agora, é assim que encaro a história: como um discurso. Devo estar ciente, então, de todos os contextos envolvidos no meu encontro com um discurso histórico: o contexto descrito pelo historiador, o contexto em que o próprio historiador se encontra, e o contexto a partir do qual *eu* enxergo o discurso. Voltando ao texto de Tutan, então, para responder a pergunta proposta o autor elege uma citação de E. H. Carr: "nossa resposta, consciente ou inconscientemente, reflete nossa posição no tempo, e liga parte de nossa resposta à pergunta mais ampla 'qual visão tomamos da sociedade em que vivemos?'" (CARR apud TUTAN, 2017, p. 01, tradução minha[2]).

---

[1] [...] all historical representations are radically adaptive and that the ways in which they are conceived and perceived tell us more about the present than about the past they refer to.

[2] our answer, consciously or unconsciously, reflects our position in time, and forms part of our answer to the broader question what view we take of the society in which we live.

Partindo do pressuposto de que a história é, então, um discurso, não podemos de chamar a atenção ao fato de que o discurso histórico e o literário não devem ser separados, como já defendia Derrida, uma vez que todo discurso histórico se baseia nas ideologias do historiador que o escreve, e visa a transmissão de alguma mensagem. Ainda segundo Tutan, "toda versão da história deve ser entendida como uma reescrita, essencialmente uma adaptação, uma vez que o historiador adapta o material que tem em mãos em um esquema pré-planejado para alcançar um certo fim" (TUTAN, 2017, p. 02, tradução minha[3]), ou seja, o historiador escolhe o material que provará seu argumento, afinal, "só conhecemos o passado [...] através de seus vestígios textualizados" (HUTCHEON, 1991, p. 157). Levando em conta "a natureza intertextual do passado e as implicações ideológicas de escrever sobre a história" (HUTCHEON, 1991, p. 156) chegamos, então, a mais uma pergunta: a história é, afinal, um fato ou um discurso, como argumenta o pós-modernismo? Sabemos que acontecimentos históricos, de fato, aconteceram, mas qual é a credibilidade das fontes que os relatam a nós atualmente? Essa história "pura" e "real", para Tutan, é impossível de ser conhecida. Citando Munslow, ele conclui que "a história do que realmente aconteceu não pode, de forma alguma, ser subjetivamente resgatada" (MUNSLOW apud TUTAN, p. 04, tradução minha[4]).

Esses conceitos se aplicam tanto à historiografia (isso é, a escrita da história propriamente dita) quanto à ficção. Segundo Hutcheon, "a ficção pós-moderna sugere que reescrever ou reapresentar o passado na ficção e na história é - em ambos os casos - revelá-lo ao presente, impedi-lo de ser conclusivo e teleológico" (HUTCHEON, 1991, p. 147). A historiografia ocidental[5], com sua complexa tarefa de articular o real e o discurso e sua ambição doutrinal, "será magisterial sem ser de mestre, da mesma forma que dará lições de como governar sem conhecer as responsabilidades nem os riscos de governar. Pensa o poder que não possui." (CERTEAU, 1982, p. 19). Assim, tanto a historiografia quanto a ficção são produtos da manipulação e da análise.

Se aprofundando no problema das relações entre poesia e história em seu artigo "Caminhos entre a Literatura e História", Alfredo Bosi (2005) discorre sobre o que constitui uma obra de relevância para a história literária, defendendo que uma obra deve ser considerada tanto pelo seu valor estético quanto pelo valor representativo, ou seja, como se insere em seu contexto e como reproduz sua ideologia. O autor afirma que

> um poema ou um romance podem ser significativos do ponto de vista sociológico ou político, mas essas suas qualidades não os elevam, por si mesmas, ao estatuto de

[3] every version of history should be regarded as a rewriting, essentially an adaptation, since the historian adapts the material she or he has at hand into a pre-planned scheme to meet a certain end.
[4] [...] the story of what really happened cannot be subjectively retrieved in any single shape or form.
[5] Aqui faço essa singularização pois, como discorre Michel de Certeau em seu livro "A Escrita da História", a historiografia oriental opera de formas e para fins diferentes da historiografia ocidental.

> obras de arte. De todo modo, as melhores obras de todas as literaturas valem sempre pelos dois critérios, o representativo e o estético. (BOSI, 2005, p. 322)

O autor continua traçando as semelhanças que crê existir entre o historiador e o crítico literário: ambos lidam com fenômenos únicos. Segundo Bosi (2005, p. 322)

> Uma obra de arte não é igual a outra, por mais que guardem ambas características comuns de forma ou significado. O mesmo acontece com um fato histórico. O evento é aquilo que não voltará, tal e qual, no espaço e no tempo, seja uma batalha, seja uma revolução, seja uma eleição, seja um golpe de estado. A unicidade ou irrepetibilidade de uma obra e de um evento histórico exige do historiador literário ou social a capacidade de selecionar obras ou eventos significativos [...]. Para operar seletivamente, ambos devem orientar-se por uma certa perspectiva, que definirá os seus critérios de significação.

Dessa forma, Bosi nos propõe uma reflexão: "como ressalvar, no discurso histórico-literário, o caráter singular da obra de arte?" (BOSI, 2005, p. 324). Se um conjunto de textos foram produzidos em um mesmo período, dentro de um mesmo contexto, para serem lidos por um público de mesma classe, que critério individualiza um texto poético e o destaca dos outros? Para responder essa pergunta, Bosi nos leva ao Brasil do século XIX, quando imperavam o colonialismo, o eurocentrismo, e a crença na superioridade e inferioridade de raças. Foi nesse contexto que Cruz e Souza, poeta negro filho de escravizados, escreveu o poema em prosa "O Emparedado", no qual desafia a ideologia dominante, chamando a ciência de "ditadora de hipóteses" e mostrando que sua arta não tinha relação alguma com a cor da sua pele, completamente "sem o apoio dos sábios do seu país e do seu tempo" (BOSI, 2005, p. 331). Assim, Bosi questiona as práticas da sociologia determinista e do velho historicismo de apontar casos em que a literatura "nada mais seja do que representação das ideologias dominantes" (BOSI, 2005, p. 331). Assim, encerro a reflexão com a resposta de Bosi (2005, p. 331): "A melhor literatura não acolhe passivamente a imagem da sociedade que lhe dá o cotidiano anestesiado pelos discursos assentados sobre o que aí está".

Referências Bibliográficas

BOSI, A. *Caminhos entre a literatura e a história.* Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142005000300024&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em 10/05/2021

CERTEAU, M. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

HUTCHEON, L. *A Poética do pós-modernismo teoria, ficção.* Tradução: Ricardo Cruz. Rio De Janeiro: Imago, 1991.

TUTAN, D. *Adaptation and History.* In: LEITCH, T. (Ed.). *The Oxford Handbook of Adaptation Studies*. New York: Oxford University Press, 2017.